

O MEU 25 DE ABRIL DE 1974 FOI ASSIM

————— Leonardo Antão

A partir do 3^o ano da Academia Militar nós, os alunos de Engenharia, íamos frequentar os dois últimos anos ao Instituto Superior Técnico (IST). Foi durante esta frequência a partir de 1973 que comecei a dar-me conta que existia uma grande quantidade de pessoas revoltadas contra o regime: colegas de curso, alunos e professores de todas as faculdades, gente de diversos movimentos que se dizia de esquerda, assim como os dirigentes da Associação de Estudantes. Passavam-nos jornalinhos clandestinos do tamanho de 2 folhas A3 ou 4 folhas A4, dobradinhos de tal modo que cabiam numa caixa de fósforos, onde apareciam textos apelando à luta dos trabalhadores, ao fim da guerra colonial, à convocação de Reuniões Gerais de Alunos (RGAs) e à greve às aulas, que era decidida nessas RGAs.

Alguns desses dirigentes vinham falar comigo e diziam: nós vamos fazer greve. Percebemos que vocês não façam porque são militares mas, para evitar problemas, é nosso apelo que não entrem na sala, ou que fiquem à porta da sala ou do anfiteatro. E assim fazíamos.

Éramos também convidados e aliciados para participar em convívios de outras faculdades, como a de Medicina (no Hospital de Santa Maria), a de Direito e a de Economia, onde se juntavam milhares de alunos com os cantores de intervenção, como Zeca Afonso, José Mário Branco, Sérgio Godinho, Adriano Correia de Oliveira e outros. Durante esses convívios quase sempre havia apagões provocados por cercos feitos pela PIDE e algumas detenções. Foi assim que eu comecei a trocar impressões com gente cujas ideias políticas eram muito diferentes das minhas, que eram fruto da minha formação na Academia Militar.

Como consequência de diversos episódios relacionados com este clima contestatário estudantil que se vivia no IST, nas Faculdades onde o Comando da AM e o Estado Maior do Exército verificaram que se estava a formar um “inimigo interno” é que eu presumo que foi decidido, em 1973/74, passar a frequência de todos os Cursos de Engenharia para a Academia Militar, com alunos civis muito bem escolhidos, a acompanhar-nos a nós, aos militares, e com Professores vindos do IST, também muito bem escolhidos.

Outrossim, no relacionamento com camaradas e Professores militares, começou a constar-se que a guerra colonial era irreversível e que, se não se encontrasse uma solução política, tinha de se encontrar uma solução militar. Esta opinião foi-me também transmitida numa curta passagem que fiz pela Escola Prática de Cavalaria, em Santarém, em Julho, nos exercícios finais do 5º ano do Curso na AM, em que o Capitão Salgueiro Maia nos acompanhou, a nós oficiais alunos da AM, num curto estágio pela EPC (em que me deixou conduzir um CC M47).

Da troca de impressões com alguns camaradas dos cursos de Aeronáutica, de Transmissões, de Engenharia Electrotécnica e de Engenharia Militar – Sapadores, que se relacionavam bem com o Major Garcia dos Santos, com o TCor Fisher Lopes Pires e, no meu caso pessoal, com o relacionamento com o Cap. Teófilo Bento, é que eu fui tendo conhecimento que, no seguimento de diversas reuniões do Movimento das Forças Armadas e do golpe abortado das Caldas da Rainha, estava em preparação uma grande operação militar a nível de todo o País; e os indícios técnicos eram os seguintes:

– Em 22 de Abril de 1974, decorreu a montagem de uma linha telefónica militar direta entre a Escola Prática de Transmissões, na Graça, e o Regimento de Engenharia nº 1, na Pontinha, após proposta efetuada pelo Major Garcia dos Santos, meu Professor na AM.

– Em 23 de Abril decorreu no Regimento de Engenharia 1, na Pontinha, uma reunião entre o Major Otelo Saraiva de Carvalho e o Major Garcia dos Santos, para a instalação de um Posto de Comando e para a entrega de alguns emissores-receptores.

Em 24 de Abril depois da 3ª refeição por volta das 20H30 tive conhecimento no 24º compartimento dos Alojamentos da Academia Militar, em Gomes Freire, que nesta noite iria acontecer um grande e inesperado movimento de tropas, pelo que devíamos estar atentos às comunicações via Radio Clube Português.

Mantivemo-nos acordados, nomeadamente a ouvir o rádio do Alferes Azevedo das Transmissões, até que ouvimos o primeiro comunicado do Movimento das Forças Armadas, transmitido por volta das 04H30 do dia 25 de Abril, pela voz de Joaquim Furtado, no qual se pedia à população que se mantivesse calma e se pedia aos médicos para que acorram aos hospitais.

Continuámos muito apreensivos e atentos a ouvir no rádio os comunicados das Forças Armadas que nos deixavam emocionados, nomeadamente o que ouvimos no segundo comunicado, por volta das 05H00, reforçando recomendações de prudência às forças militarizadas e anunciando que os comandantes que conduzissem os seus subordinados à luta contra o MFA seriam severamente punidos.

Por volta das 07H00, o MFA fez mais um comunicado, transmitido do Posto de Comando pelo Rádio Clube Português, declarando que o MFA tomou conta da situação, pelo que constituirá delito grave qualquer oposição.

Por volta das 11H00 soube-se que a força da EPC comandada por Salgueiro Maia avançou em direção ao Carmo e que, durante a marcha da coluna militar até ao local, foi acompanhada por impressionante número de pessoas que gritavam: «Vitória! Vitória!», «Fim à guerra colonial!», «Abaixo o fascismo!» e «Liberdade! Liberdade!»

Cerca das 11H45 um novo comunicado foi transmitido pelo RCP que informou que, de Norte a Sul, o MFA dominava a situação e que em breve chegaria a hora da libertação.

Por volta das 12H30 recebemos a informação de que Salgueiro Maia se encontrava com as suas forças em posição de cerco ao Quartel-General da GNR, no Carmo, com muito povo dificilmente contido nas ruas vizinhas, que apoiava os militares revoltosos e que se viam cravos vermelhos nos canos de muitas espingardas, oferecidos aos soldados por populares. Soube-se mais tarde que estes cravos vermelhos, tinham sido distribuídos por Celeste Martins Caeiro, trabalhadora do “self-service” do restaurante “Franjinhas”, na madrugada de 25 de Abril.

Por volta das 13H30 soube-se que centenas de pessoas desciam a Rua António Maria Cardoso, entoando o hino nacional e aproximando-se da sede da PIDE/DGS, de cujas janelas foram disparados alguns tiros. Houve cinco feridos, alguns com gravidade. Por volta das 15H00 Salgueiro Maia, dirigiu um ultimato de quinze minutos às tropas barricadas no Quartel General da GNR. Cerca de dez minutos mais tarde, Salgueiro Maia dirigiu novo ultimato: “Atenção Quartel do Carmo! As conversações estão muito demoradas. Estão muito demoradas!”.

Como nenhuma resposta chegava, iniciou a ação com armas ligeiras, ordenando que se disparasse para a parte superior do edifício e para o ar.

O ultimato final de Salgueiro Maia foi nestes termos: «Vou contar até três. Devem sair desarmados e com as mãos no ar, senão destruiremos o Quartel».

Por volta das 15H15 o Posto de Comando do Movimento ordenou às forças da EPA estacionadas no Cristo Rei que libertassem os camaradas presos no Forte da Trafaria na sequência do 16 de Março.

Por volta das 17H00 tivemos conhecimento que o General António de Spínola recebeu um telefonema do Comando do Movimento em que lhe foi solicitada a sua ida ao Quartel do Carmo para aceitar a rendição do Presidente do Conselho, que deveria de seguida ser conduzido ao Quartel de Engenharia na Pontinha.

Por volta das 18H00 António de Spínola entrou no Quartel do Carmo, submerso pela multidão que o aplaudiu e exigiu a sua vinda à janela.

Por volta das 19H30 no Largo do Carmo, cresceu a agitação: a população concentrou-se junto ao portão e uma viatura blindada, a chaimite Bula, encostou à porta de armas para receber Marcello Caetano, Moreira Baptista e Rui Patrício. As forças da EPC levantaram o cerco e formaram a coluna que os conduziu ao Regimento de Engenharia 1 na Pontinha. Logo atrás seguia, numa viatura civil, António de Spínola, longamente vitoriado pela multidão.

Por volta das 20H00, foi lida nos emissores do RCP, a Proclamação do Movimento das Forças Armadas. Vinte e uma horas após a emissão do primeiro sinal confirmativo das operações o regime caiu.

Por volta das 21H00 atiradores da PIDE/DGS voltaram a disparar sobre manifestantes, na Rua António Maria Cardoso. Houve quatro mortos e dezenas de feridos. Um agente da DGS foi morto quando tentava fugir.

Para finalizar esta minha emocionante vivência do 25 de Abril (coma as falhas próprias da memória que nesta fase da vida me atraçoam), relembro que já no início da noite do dia 26 de Abril, por volta das 01H30 fez-se a apresentação ao país, através da televisão, da Junta de Salvação Nacional (JSN):

General António de Spínola (Presidente);

General Francisco da Costa Gomes;

General Manuel Diogo Neto;

Brigadeiro Jaime Silvério Marques;

Coronel Carlos Galvão de Melo;

Capitão de Mar e Guerra José Baptista Pinheiro de Azevedo;

Capitão de Fragata António Rosa Coutinho.

Destaco que ainda no dia 26 de Abril, cerca das 11H00, Salgueiro Maia ocupou o edifício do Secretariado Geral da Defesa Nacional, na Cova da Moura, onde foram instalar-se a JSN e o MFA. Foram também libertados os presos políticos da prisão de Caxias.

Destaco também no meu emocionante 25 que, em 1 de Maio, fui com alguns dos camaradas do curso da AM ao Estádio 1º de Maio, em Lisboa, onde participei na primeira grande manifestação do povo e encontrei vários outros camaradas. Vi inúmeras pessoas com bandeiras nacionais e ouvi diversas mensagens, com destaque para: “Viva o MFA! Viva Portugal!”

Ecoou até hoje a mensagem transmitida por diferentes oradores de que o mais importante para o povo português era termos consciência de que a liberdade que hoje vivemos em Portugal foi fruto da ação de muitos dos heróicos militares, conhecidos por Capitães de Abril, com destaque para Salgueiro Maia que, com risco da própria vida, fizeram o 25 de Abril de 1974, que acreditaram em ideais e que colocaram a sua vida em perigo em prol dos nobres valores da liberdade e da democracia para Portugal.